



Dossiê

Entre riffs e rebeliões: a presença feminina e queer no heavy metal sulamericano

Beatriz Medeiros
Núcleo Milenio en Culturas
Musicales y Sonoras, CMUS
Universidad Mayor
<https://orcid.org/0000-0002-0397-2927>
biamedeiros44@gmail.com

Manuela Belén Calvo
Universidad Nacional
del Centro de la
Provincia de Buenos
Aires, UNCPBA
<https://orcid.org/0000-0002-5704-3656>
nuna.calvo@gmail.com

Melina Aparecida dos
Santos Silva
Programa de Pós-
Graduação em Culturas e
Territorialidades,
Universidade Federal
Fluminense, UFF
<https://orcid.org/0000-0003-1773-8493>
melsantos1985@gmail.com

Tratando sobre os problemas de opressão sofrido por mulheres do terceiro mundo, Gloria Anzaldúa propõe um tipo de resistência: a que se dá através do fazer epistêmico e da escrita. “Porque a escrita me salva dessa complacência que temo. Porque eu não tenho escolha. Porque eu preciso manter os espíritos da minha revolta e de mim mesma, vivos. Porque o mundo que eu crio na escrita compensa o que o mundo real não me oferece.” (Anzaldúa 1981: 168). A partir da escrita, ela irá dizer, é possível que conheçamos a nós mesmas e ao nosso mundo. Complementamos esse pensamento afirmando que, com a escrita, também formamos o mundo do jeito que queremos, pois em contexto de batalhas epistêmicas, é a partir de escritas que vemos nossos espaços sendo definidos e, em muitos casos, limitados.

Nós, mulheres, cientistas sociais, precisamos estar em constante luta para assegurar nosso espaço que nos foi negado por muito tempo. Um reflexo dessa negação se dá na forma em que somos usualmente mais cobradas em relação aos nossos colegas que são, em sua maioria, brancos, cisgênero, heterossexuais e de classe média. Situações sexistas e misóginas são recorrentes em nossos ambientes de trabalho. Quando procuramos compreender o universo acadêmico através das perspectivas interseccionais, a situação se complexifica, escalonando para níveis extremos de violência. Essas situações se reverberam em toda a esfera acadêmica e os estudos de música popular, incluindo os estudos de heavy metal, não são uma exceção dessa realidade que precisa ser modificada.

Os anos de 2022 e 2023 foram marcados por denúncias de violência de gênero e abuso sexual supostamente perpetrados por alguns cânones dos estudos pós-coloniais e em variados espaços de troca de conhecimento científico. Esse foi o caso da *International Association for the Study of Popular Music* (IASPM). Em 2022, sérias alegações de má conduta sexual, cometidas pelos antigos membros da IASPM, Keir Keightley e Martin Cloonan, em espaços onde aconteciam as conferências da associação, ocorreram em sua página do Facebook. Uma publicação, seguida de vários comentários, que denunciava o caso foi derrubada pelo professor Rupert Till, então membro do comitê executivo da

IASPM e moderador da página. Após uma série de protestos de pesquisadoras realizada na página no Facebook e na lista de e-mails da IASPM, referentes à lentidão do comitê em prosseguir com as medidas legais o comitê executivo da associação tomou medidas para proteger as vítimas¹ (Coates, Goldschmitt e Powell 2022).

Numa publicação histórica sobre violência de gênero no ambiente de trabalho, a coletânea *Sexual Misconduct in Academia: Informing an Ethics of Care in the University* (Routledge 2023) apresentou uma série de casos que envolviam a desumanização de mulheres na educação superior. Segundo as editoras Erin Pritchard e Delyth Edwards (2023: 17):

Enquanto a sexualização e a conquista sexual são problemas enfrentados por mulheres na educação superior, elas também precisam lidar com a profunda indignidade que sofrem de seus alunos, orientadores, colegas e administradores. Essa afronta prejudica a contribuição de profissionais acadêmicas, estudantes e líderes em suas disciplinas e em repensar estruturas e sistemas educacionais mais abrangentes capazes de mudar a cultura heteronormativa e patriarcal. Tal cultura, em que mulheres cisgênero e minorias sexuais e de gênero são excluídas, ignoradas e silenciadas, facilita a violência de gênero e o assédio no espaço de trabalho e nas instituições de construção de conhecimento.

No artigo *The walls spoke when no one else would: Autoethnographic notes on sexual-power gatekeeping within avant-garde academia*, Lieselotte Viaene, Catarina Laranjeiro e Miye Nadya Tom classificam como “extrativismo sexual” o abuso de poder perpetrados contra mulheres. De maneira geral, as vítimas são jovens que dependem da aprovação de seus mentores para construir suas carreiras, os quais são acobertados pelas instituições (2023: 208-209). Ainda que o nome do professor emérito Boaventura de Sousa Santos não seja mencionado no artigo, denúncias anteriores à publicação feita por pesquisadoras da Universidade de Coimbra indicam que a conduta criminosa foi cometida por Sousa Santos e seu pupilo, Bruno Sena Martins. No mesmo trabalho, Viaene et al. mencionam o caso do ex-professor de Estudos Africanos de Harvard, John Comaroff, que foi processado por acusações de assédio sexual.

O que pretendemos com este dossiê é propor uma reflexão sobre o problema das opressões de gênero e o desbalanceamento de poder –bem como a utilização desse poder por parte de, em sua maioria, homens que buscam ganhar algum tipo de satisfação sexual ou de ego– que não começa apenas quando uma mulher é desmoralizada ou atacada sexualmente. Esse tipo de situação é consequência da disparidade mais antiga e profunda no meio acadêmico. Afinal, se nós mulheres não somos, ainda que subconscientemente, entendidas como tendo o mesmo nível de intelecto, se não somos iguais ou se não possuímos o mesmo valor humano que os nossos colegas, alunos, professores e orientadores, o que os impede de nos tratar como meros objetos?

De diversas maneiras, pesquisadoras da América do Sul sofrem pela iniquidade da posição político-geográfica: pouco ou nenhum reconhecimento é concedido aos estudos de heavy metal publicados em português ou espanhol; acesso desigual a traduções; dificuldades de migração; alto índice de desemprego entre pesquisadoras com um título de doutorado e a necessidade de recorrer a múltiplos trabalhos paralelos para a manutenção financeira. Não apenas isso. Mulheres pesquisadoras de heavy metal na

¹ Nós acompanhamos o caso através da lista de e-mails da IASPM-AL (filial da América Latina). No entanto, é possível acessar a resposta conferida pelo comitê executivo da IASPM e o esclarecimento do ocorrido no site da associação em uma publicação do dia 19 de Abril, 2022. <https://www.iaspm.net/iaspm-responses-to-the-current-situation-in-the-association/>

América Latina também precisam lidar com as disparidades de gênero do sistema acadêmico e dos tipos de violência específicos que existem em particular nas áreas de estudos de rock e metal, que já foram inclusive denunciadas previamente (DiGioia 2022). Isso quer dizer que, no nosso caso, a legitimidade como pesquisadoras transpassa outro teor de dificuldade aderente às condições geopolíticas e étnicas, além da de gênero. Nós sofremos com extrativismo epistêmico e o *gaslighting* acadêmico estrutural (Bailey 2020), ou seja, o apagamento, a má interpretação de nossos conhecimentos, a falta de representação em espaços científicos e o apagamento de nossos nomes, produções e opiniões. Quando levantamos nossas vozes contra essas violências, recebemos respostas misóginas que nos obrigam a pensar em estratégias de defesa (Calvo et al. 2022).

Atualmente, podemos afirmar que os estudos de metal são parte de uma área científica consolidada nas ciências sociais e humanidades, com foco na música popular. Essa ideia é substanciada pelo alto número de publicações, encontros acadêmicos e seminários que abordam essa temática, além das diversas genealogias e estados da arte (Guibert e Hein 2006; Brown 2011; Calvo, Paschuchelli e Vidal 2021; Varas Díaz et al. 2022; Silva e Queiroz 2023). No caso da América Latina, atestamos condições similares com um alto número de congressos, conferências, encontros e publicações realizadas nos últimos anos. Aqui podemos mencionar a diversidade em contribuições existentes na Colômbia, México, Peru, Equador, Chile, Brasil e Argentina.

O grande número de contribuições provenientes da América Latina constitui um aspecto positivo já que, como alertado por Varas-Díaz, Nevárez e Rivera-Segarra (2020), é necessário descolonizar os estudos de metal e fazer visíveis as contribuições, histórias e experiências latino-americanas. Nesse sentido, o trabalho desses autores demonstra as formas de colonialidade (Quijano 2010) que dominam os estudos de metal e colocam as contribuições da América Latina em desvantagem. Essas “geopolítica da diferença e diferença colonial” (Mignolo 2002) são evidentes considerando a predominância do inglês como linguagem de publicação dentro do eixo teórico, dificultando a disseminação de investigações conduzidas e publicadas em outras línguas, como o espanhol e o português (Suzina 2021). Para Suzina, “o nível de cobrança pelo inglês em trabalhos acadêmicos condensa uma série de mecanismos por excluírem ‘redes alternativas de conhecimento’ (Bennett 2013) e esterilizar o debate acadêmico.”

No entanto, consideramos que o colonialismo não apenas ocorre a partir da “ocidentalização” dos estudos de metal, mas também a partir do androcentrismo que predomina a área de estudo. Apesar das importantes contribuições em relação às questões de gênero realizadas por colegas (Vasan 2010, Dawes 2012, Hill 2016), observamos que mulheres do sul não vêm sendo verdadeiramente ouvidas –ou lidas–. Nesse sentido, a colonialidade de gênero dos sistemas acadêmicos continua a nos posicionar como figuras subalternas (Spivak 1988; Espinosa Miñoso 2014). Nossas contribuições continuam sendo invisibilizadas devido à falta de acesso a traduções, às limitações econômicas para frequentar pessoalmente encontros acadêmicos especializados, além das diferentes formas de violência epistêmica (Pérez 2019) enfrentadas por nós na área.

Assim, este dossiê objetiva contribuir para a visibilidade das investigações realizadas por pesquisadoras da América do Sul, as quais problematizam questões de gênero e sexualidade nas cenas de heavy metal. Ainda somos poucas pesquisadoras, mas consideramo-nos verdadeiras vitoriosas por ocupar um espaço tão específico quanto o de estudos de heavy metal. Dentre tantas possibilidades, optamos por formar uma “forte comunidade de resistência epistêmica” (Bailey 2020) através desse dossiê.

Apresentamos, neste dossiê, quatro produções que possuem como objetivo dar voz e espaço a mulheres e suas representações da cena de heavy metal latino-americana.

A partir de estudos de caso do Brasil, México e Colômbia, as autoras demonstram a complexidade das negociações presentes nesses espaços culturais: embora sejam construídos a partir de um viés masculinista, eles necessitam da presença e constância feminina para se manterem vivos. Dessa forma, parece coerente que o dossiê se inicie com o texto “¿Pueden las mujeres tocar heavy metal? Afectividad misógina en el heavy metal brasileño”, onde a autora, Julia Ourique, explora a afetação misógina na cena de heavy metal do Brasil, a partir das experiências de Fernanda Lira, baixista e vocalista da banda de death metal Crypta. Ourique demonstra como a misoginia é uma afetividade historicamente construída na cena e atinge tanto fãs quanto artistas. Essa misoginia também se apresenta como forma de violência em diferentes espaços, sejam eles presenciais ou online, e é alimentada pela duplicidade de critérios a nível de cobrança. Ou seja, muitos fãs acabam por minimizar instâncias em que mulheres são vitimadas, enquanto ampliam ataques a Lira em situações de maior vulnerabilidade. Ourique sugere que, para mudar essa realidade, é necessário que haja um confronto das normas sexistas e uma maior inclusão de gênero na cena de heavy metal.

Nesse sentido, o segundo texto, redigido por Beatriz Medeiros, “Uma coisa que tentamos fazer por nós”: festival e resistência feminina na cena underground brasileira”, apresenta alternativas para as estratégias de inclusão de mulheres e pessoas não binárias na cena de heavy metal. Apresentando o coletivo e festival Bruxaria, a autora demonstra como algumas ativistas, musicistas e artistas do underground brasileiros vêm construindo espaços onde elas consigam demonstrar seu conhecimento musical e cultural em relação a uma cena misógina e excludente. Medeiros introduz dois conceitos importantes para a compreensão do processo de criação da Bruxaria: os espaços incomuns na música para mulheres e os espaços mais seguros para mulheres e pessoas LGBTQIA+. Os espaços incomuns seriam constituídos a partir da construção excludente da presença feminina e LGBTQIA+, a pesquisadora aponta como o underground e seus estilos musicais mais extremos –especialmente heavy metal e punk rock– utilizam-se das noções de violência e conhecimento tecnológico para reforçar essa segregação de gêneros. Espaços mais seguros, como os festivais organizados pelo coletivo Bruxaria, desconstruiriam os espaços incomuns através da inclusão de pessoas não heteronormativas, cisgêneros ou brancas. Não escapa a essa autora a referência do mundo mágico e do ocultismo como uma forma de associação à tomada de poder, a qual é encontrada no contexto metaleiro, como a utilização do imagético da bruxa como uma figura da representação do poder feminino.

O terceiro artigo “Representaciones de las metaleras en el metal mexicano”, escrito por Rita Oznaya, apresenta uma perspectiva inovadora referente à ordem da representação feminina na cena do heavy metal. Neste estudo, Oznaya aborda o conceito de campos sociais, de Bourdieu, para entender a construção de capital simbólico e cultural que influencia as construções sociais dentro da cena e que influencia os fãs de metal. Representação cultural e social também são termos caros a essa pesquisa, afinal, é a partir dessa perspectiva que a autora examina a maneira como mulheres são classificadas e estereotipadas nas cenas de heavy metal, a partir de categorias como vestuário e comportamentos sociais. As cinco categorias encontradas por Oznaya –puta, groupie, sapatão, poser e normal– são classificações baseadas em estereótipos misóginos perpetrados pela lógica do sexismo, os quais dificultam a presença de mulheres nas cenas de heavy metal. A autora demonstra como as categorias são, muitas vezes, internalizadas e replicadas pelas mulheres presentes na cena com o intuito de se encaixarem nas dinâmicas da cena musical.

Encerramos nosso dossiê com o artigo “El arte del ruido: el discurso visual sobre lo femenino a través de algunas carátulas de discos de metal colombiano”, de Karen Ortiz e Diana Cárdenas. Através da análise de artes de capas de álbuns de sete bandas de heavy metal colombiano, as autoras propõem uma outra leitura sobre a representação feminina na cultura do metal. Utilizando-se de uma combinação entre estudos visuais, teoria feminista crítica e análise semiótica, Ortiz e Cárdenas demonstram como as artes de capa, peças fundamentais na construção imaginada e imagética da cultura do metal mundial e da Colômbia, acabam por reproduzir alguns conceitos que são prejudiciais para a existência feminina tanto nesse espaço quanto na sociedade patriarcal como um todo. As autoras reafirmam que o trabalho de desmonte dos estereótipos prejudiciais às mulheres por parte das bandas não pode ser realizado apenas na ordem do discurso ou de instâncias como a composição, mas também na dimensão imagética construída por essas bandas em suas artes de capa.

Gostaríamos de deixar claro que este dossiê foi elaborado através de chamada aberta divulgada nas redes sociais e em grupos de e-mails de instituições de pesquisa de música popular. Contudo, é necessário mencionar que percebemos que ainda existem dificuldades referentes à circulação e à leitura de obras latino-americanas. Por exemplo, neste dossiê, a produção realizada ao longo de nossa trajetória científica foi pouco mencionada. Assim, como nenhuma de nós três tinha conhecimento profundo da trajetória de todas as autoras que submeteram suas pesquisas para avaliação de pares. Isto nos leva a perguntar se esta ausência –ou falta de conhecimento– se deve apenas às barreiras linguísticas ou a uma certa ocultação do nosso trabalho por parte de redes de pesquisas de heavy metal latino-americanos. Da mesma forma, as dificuldades enfrentadas por nós para materializar o trabalho do dossiê nos levam a questionar se realmente existem “espaços seguros” para mulheres acadêmicas cis e trans publicarem suas perspectivas.

Por último, é importante que mencionemos que, para além de tudo o que foi dito, este dossiê foi o resultado de um esforço coletivo, num contexto de grandes adversidades: na Argentina, vivemos alguns períodos de desemprego e outros de precariedade laboral, enquanto se desenvolviam campanhas midiáticas para desacreditar a ciência e a educação, e a tentativa de dismantelar o sistema universitário público; a baixa empregabilidade de mestres de doutores no Brasil, entre outras dificuldades pelas quais passamos de acordo com o atual contexto político na América do Sul. No final das contas, tal publicação consiste em uma pequena vitória a ser comemorada no fim de 2024. Por isso, agradecemos às autoras que fizeram parte desse importante processo, aos pareceristas pelo trabalho inestimável na seleção e avaliação dos trabalhos e a equipe editorial da *Contrapulso* pela ajuda a concretizar esse dossiê.

Referências

- Anzaldúa, Gloria. 1981. “Speaking in Tongues: A letter to Third Women Writers” em *This bridge called my back. Writing by radical women of color*. Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa eds. Berkeley: Third Women Press: 183-193.
- Bailey, Alison. 2020. “Gaslighting and Epistemic Harm: Editor's Introduction.” *Hypatia* 35(4): 667-673.
- Brown, Andy. 2011. “Heavy Genealogy: Mapping the Currents, Contraflows and Conflicts of the Emergent Field of Metal Studies, 1978-2010.” *Journal for Cultural Research*, 15(3): 213-242.

- Calvo, Manuela Belén, María Natalia Pascuchelli e Pablo Vidal Vargas. 2021. “Los estudios metálicos (metal studies) en Latinoamérica y Argentina: un posible estado del arte.” *El oído Pensante*, 9(2): 252-278.
- Calvo, Manuela Belén, Norma García Castiblancom, María de la Luz Núñez, Ludmila Mailén Padilla, Maria Natalia Pascuchelli, Verónica Ruiz, Milen Graciela Saavedra Rodríguez e Érica Vainscheinker. 2022. “Consonancias del cuidado. Hacia un protocolo contra las violencias por motivos de género en las experiencias del metal.” *TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review* 26: 1-16.
- Dawes, Laina. 2013. *What Are You Doing Here?: A Black Woman's Life and Liberation in Heavy Metal*. New York: Bazillion Points.
- DiGioia, Amanda. 2022. “Practice What You Preach': An Autoethnographic Case Study on Subversion in Heavy Metal Music Studies,” *Medium*. [disponível em:] <https://medium.com/@amandadigioia/practice-what-you-preach-an-autoethnographic-case-study-on-subversion-in-heavy-metal-music-1f27b42b30f2>
- Espinosa-Miñoso, Yuderlys. 2014. “Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica.” *El Cotidiano* 184: 7-12.
- García Canclini, Nestor. 2004. *Diferentes, desiguales y desconectados*. Barcelona: Gedisa.
- Guibert, G r me e Fabien Hein. 2006. « Les Sc nes metal: Sciences sociales et pratiques culturelles radicales. » *Copyright Volume!* 5(2): 5-18.
- Hill, Rosemary Lucy. 2016. *Gender, Metal and the Media: Women Fans and the Gendered Experience of Music*. London: Palgrave Macmillan.
- Lugones, Maria. 2014. “Radical Multiculturalism and Women of Color Feminisms.” *Journal for Cultural and Religious Theory* 1 (13): 68-80.
- Mignolo, Walter. 2002. “The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference.” *South Atlantic Quarterly* 101(1): 57-96. <https://doi.org/10.1215/00382876-101-1-57>
- Pérez, Moira. 2019. “Violencia epistêmica: reflexiones entre lo invisible y lo ignorable”. *Revista de Estudios y Políticas de G nero* (1): 81-98.
- Quijano, Anibal. “Coloniality and Modernity/Rationality.” em *Globalization and the Decolonial Option*. New York: Routledge: 22-32.
- Silva, Melina Aparecida dos Santos e Tobias Queiroz. 2023. “Negotiating Blackness, and Culture in Brazilian Metal Scene.” *Journal of Black Studies* 54 (5): 410-431. Doi/10.1177/00219347231173930
- Spivak, Gayatri. 1988. “Can the Subaltern Speak?” em *Marxism and the Interpretation of Culture*. Carry Nelson e Lawrence Grossberg eds. London: Macmillan, 1988: 24-28.
- Suzina, Ana Cristina. 2021. “English as Lingua Franca. Or the sterilization of scientific work.” *Media, Culture & Society* 43(1): 171-179. DOI: 10.1177/0163443720957906
- Varas-Díaz, Nelson, Daniel Nevarez Araújo e Eliut Rivera-Segarra eds. 2020. *Heavy Metal Music in Latin America. Perspectives from the Distorted South*. Maryland: Lexington Books
- Varas-Díaz, Nelson, Brian Hickam, Susana González-Martínez, Mario Castañeda, Fernando Galicia Poblet, Alfredo Nieves Molina e Emiliano Scaricaciottoli. 2022. “Toda la sangre forma un r o: 1 Contributions to the histories of metal music studies from the Spanish-speaking world.” *Metal Music Studies* 8(1): 47-68.

- Vasan, Sonia. 2010. "Den mothers and band whores': Gender, sex and power in the death metal scene." em *Heavy Fundametalisms: Music, Metal and Politics*. Rosemary Lucy Hill e Karl Spracklen. Oxford: Inter-Disciplinary Press: 69-78.
- Viaene, Lieselotte, Catarina Laranjeiro e Miye Nadya Tom. 2023. "The walls spoke when no one else would: Autoethnographic notes on sexual-power gatekeeping within avant-garde academia." em *Sexual Misconduct in Academia. Informing an Ethics of Care in the University*. Erin Pritchard e Delyth Edwards. London & New York: Routledge: 208-225.